

**PAB 150**  
**BOLETIM DO AUDITOR PROFISSIONAL**  
A mais Antiga Publicação de Dianética e Cientologia

**De L. RON HUBBARD**

Via o Gabinete de Comunicações Hubbard  
35/37 Fitzroy Street, London, W.1.

15 de Dezembro de 1958

**AUDIÇÃO SIMULADA**

**Passo Três: Duplicação**

Compilado a partir de materiais de pesquisa e conferências gravadas de L. Ron Hubbard.

Este interessantíssimo passo da audição simulada tem um objectivo mau e feio. Faz uma pessoa duplicar. "Há muito tempo, em 1950, descobrimos que os auditores, para se tornarem interessantes, variavam o modelo. E cada vez que o modelo era alterado, cada vez que o comando de audição mudava, o preclaro tinha um pequeno estremeção. Havia uma perturbação devido a isto. Há muito tempo teríamos considerado bastante legítimo da parte do auditor, usar o comando "Os peixes nadam?" dizendo: "A propósito, aquelas criaturas com barbatanas agitam-se na água?", e da próxima vez: "Que espécies de peixes existem que avançam do ponto A para o ponto B no elemento líquido?" Isso possivelmente teria sido legítimo então, mas hoje não fazemos isso. Fazemos uma coisa horrível. Fazemos o auditor dizer: "Os peixes nadam?" E depois, para variar, dirá: "Os peixes nadam?" E, para que haja uma boa e larga variação, dirá em seguida: "Os peixes nadam?"

É aqui que aprendemos porque insistimos tanto num comando num momento do tempo, em Querida Alice, parte A, porque não se trata de repetir o primeiro "Os peixes nadam?" umas mil vezes mais. Nenhum comando de audição deverá depender, para ter significado, de qualquer outro comando de audição alguma vez dado. Cada um deles existe, teórica e puramente, no seu próprio momento, e é pronunciado em tempo presente, por si mesmo e com a sua própria intenção.

Isto é muito importante. Sabia que o processo básico dos CCHs não funciona a não ser que cada comando seja dado numa unidade de tempo separada? Se o percorrer desta forma: "Dá-me a tua mão-obrigado; dá-me a tua mão-obrigado; dá-me a tua mão-obrigado" não será muito terapêutico e nada acontecerá ao preclaro. Porquê? Bem, temos uma máquina que está simplesmente a repetir o primeiro "Dá-me a tua mão" uma vez e outra. Não estamos a dizê-lo, não há intenção aí. Sabe que, se dissesse a alguém para lhe dar a mão com intenção suficiente, o corpo responderia sem qualquer via através do thetan? O corpo não obedece às palavras, o corpo obedece à intenção de que estenda a mão. Portanto, quando lhe é pedido para exprimir o mesmo comando de audição pelas mesmas palavras uma vez e outra e outra, deve exprimi-lo cada vez em tempo presente, ele próprio, com a sua própria intenção. Não é apenas uma longa duplicação do mesmo. Duplicar apenas alguma coisa uma vez e outra e outra é por vezes tão duro que as pessoas perguntam a si próprias como os auditores o conseguem. Ninguém poderia sentar-se numa cadeira e dizer cada vez com uma nova intenção: "Os peixes nadam?" durante setenta e cinco horas. Está para além das possibilidades humanas, de acordo com alguns. Mas o truque está em que, se for sempre proferida em tempo presente, poderia ser repetida durante mil e setenta

e cinco horas. É só quando é repetida... só quando o primeiro comando é repetido uma vez e outra e não chega uma intenção nova, é que se toma muito árduo. Apenas quando se transforma num mecanismo é que se torna quase impossível de fazer.

A comunicação é alcançada por controlo mais duplicação. Ao princípio acha que para fazer cada enunciado do comando diferente, na sua própria unidade de tempo, tem que usar diferentes inflexões de voz. Porém à medida que adquire prática descobre que pode usar o mesmo tom e tê-lo, cada vez, inteiramente novo. Seria muito, muito incorrecto ensinar isto, fazer o auditor duplicar, cada vez, as suas próprias inflexões de voz, como tinham sido da última vez, porque isso seria fazer o comando de audição depender do comando anterior. Não nos interessa nada; e depois de algum tempo, também não te interessa nada o tom de voz em que o profere, mas cada intenção é nova e fresca. A intenção é perguntar e obter uma resposta a esta pergunta: "Os peixes nadam?" E, de cada vez que a pronuncia, é dita de novo na sua própria área de tempo. Esta é realmente a única ênfase que há. Um comando por unidade de tempo. Cada comando separado, e cada comando contendo as palavras, muito por acaso: "Os peixes nadam?"

Aqui aprendemos uma porção de factos acerca dos factores duplicativos da comunicação. Descobrimos que, ao ter que duplicar, pensamos ao princípio que realmente perdemos algo da comunicação. É totalmente idiota. Como se poderia manter ARC e portanto, é claro, interesse, perguntando uma vez e outra a uma pessoa esta coisa estúpida: "Os peixes nadam?" Quem poderia fazer isto? Bem, o interesse na comunicação tem tudo a ver com a intenção de ser interessante, e muito pouco a ver com o texto. Além disso, não é a tarefa do auditor tornar-se interessante. Ser interessante faz parte da fórmula da comunicação, mas para um auditor é a parte o mais pequena possível, em relação ao preclaro. Ele não está ali para interessar ou intrigar o preclaro. As pessoas pensam logo que sim. Ponha duas pessoas sentadas em cadeiras em frente uma da outra e cada uma destas duas pessoas sentirá um impulso para se tornar interessante para a outra. Isso não é audição, isso é ser interessante, é ser sociável e tudo o mais. Portanto, se uma pessoa tem a dificuldade de executar o Passo Três, Os Peixes Nadam? o instrutor estaria perfeitamente em regra se dissesse à pessoa para se sentar naquela cadeira e pedisse a outro estudante que não estivesse a ir muito bem, ou apenas a outro estudante, para se sentar noutra cadeira, e os deixasse ali sentados a olhar um para o outro sem dizerem uma palavra nem ficarem embaraçados, ou outra coisa qualquer. Exercício interessante, se pensar nisso. Temos variação, e portanto interesse, no primeiro e no segundo passos da audição simulada, mas agora chegamos a este e é inteiramente desprovido de interesse. Estamos a dizer a mesma coisa uma vez após outra, e outra. E se uma pessoa não pode fazer isto, provavelmente tem uma compulsão para variar, para fazer alter-is, para se tornar interessante. E não achará fácil estar sentada numa cadeira e fazer face a outro ser humano sem dizer uma palavra nem fazer coisa alguma senão estar ali sentada a olhar para outro ser humano. Se eu estivesse a treinar alguém que tivesse essa dificuldade na repetição dos passos, faria isto durante uma hora ou duas nesse dia.

Muito bem. É absolutamente necessário que um auditor seja capaz de duplicar. Mas responda-me a isto: uma pessoa que está a dizer alguma coisa em tempo presente está realmente a duplicar o último momento de tempo? Na verdade não está, pois não? Portanto esta duplicação que fazemos em Cientologia significa apenas a capacidade de aparentemente duplicar enquanto em tempo presente.

O maior lema da experiência e da vida que vivemos é: *não voltarei a fazer isso*. Esta é a única coisa que a sua mamã lhe queria fazer prometer. Se não fizesse mais nada, se levasse uma vida completamente de pecado, mesmo assim a mamã queria que aprendesse pela experiência; isto é, quando fizesses alguma coisa má, ou se fizesses *alguma coisa*, não o voltasse a fazer. Ela esperava talvez que comesse tantos bombons e ficasse tão enjoado que não voltasse a "devorar" bombons; que comesse gelados suficientes para ficar tão verde que não voltasse a

comer gelados como um porco; que ficasse tão embaraçado e perdesse tantos amigos que não voltasse a fazer essa má acção, fosse o que fosse que tivesse feito, e assim aprendesse por experiência a não voltar a fazê-lo. É a experiência a falar. Uma coisa deve compreender: o que a experiência ensina é nunca fazer uma coisa pela segunda vez. Isto não quer dizer necessariamente que toda a experiência seja penosa, mas as pessoas que estão a passar um mau bocado tendem a pensar que é assim; e quando começam a depender da experiência e a obedecer a esta lição de não voltar a fazer, já não podem duplicar. E quem havia de dizer... não podem comunicar. Além disso o seu banco bloqueia. Acontece toda a espécie de coisas interessantes. Todos os momentos se transformam num momento. Um momento toma-se todos os momentos. A identificação ocorre por todo o lado. E só a acção de repetir alguma coisa como "Os peixes nadam?" como auditor, com intenção plena, que tem tendência a desbloquear a pista do tempo.

Você deveria saber que é isto que este passo combate. E a violação de toda a experiência duramente adquirida nos últimos setenta e seis triliões de anos, se acredita no E-Metro, tem setenta e seis triliões de anos. E toda essa experiência duramente adquirida, toda essa maravilhosa confusão em que se meteu, resume-se totalmente em *Não voltar a fazê-lo*. E assim fomos ensinados a não viver, que é o que acontece quando se adquire experiência. E quando você pode duplicar um comando de audição, uma vez após outra, descobrirá que a audição não se torna uma experiência dolorosa. A propósito, uma pessoa que pode fazer isto bem, nunca é restimulada. Porque havia de sê-lo? Não está no momento em que a restimulação teve lugar.

Existe, a propósito, um passo mais básico antes deste. Consiste de bater cinco vezes na parede e em seguida distinguir uma das pancadas. Um instrutor pode fazer isso com um estudante, com algum benefício. Em breve o estudante pode distinguir umas das outras as cinco pancadas, e quando as pode distinguir, embora tenham todas soado iguais, pode também duplicar um comando de audição totalmente em tempo presente. Eu quebrei casos com isto.

**L. RON HUBBARD**  
Fundador

Trad: ML:JP:RK:m